

Aos ombros dos gigantes

Anões somos aos ombros de gigantes, diz-nos a consabida frase de Bernard de Charthes. Se hoje vemos mais e mais além, é por o nosso presente ser levado às costas do passado. As palavras de Charthes são sábias, mas a experiência histórica mostra-nos tantas vezes o inverso: pouco se aprende com a memória histórica e, circularmente, repete-se as mesmas acções; os mesmos fantasmas regressam, com outra aparência, novo fardamento, outras linguagens, mas com os mesmos propósitos, as mesmas dúvidas, as mesmas preocupações prementes. As circunstâncias mudam, o ângulo desvia-se, mas o ser humano continua sempre o mesmo. Às tantas o gigante de Charthes está de costas para o futuro e o que vemos no presente é somente uma clarificação dolorosa mais extensa do próprio passado.

É esse plasmar do passado no presente que nos propõe Musset na peça *Lorenzaccio*, com encenação de Rogério Carvalho. No paralelismo entre duas dinâmicas históricas, a acção principal e o

presente vivido por Musset, podemos, também, com a encenação de Rogério de Carvalho, convocar o nosso tempo histórico.

Muito curioso, este progredir concêntrico da História, aos círculos, ao arpejo de uma progressão linear em linha recta evolutiva. Se Musset (1810-1857) se serve do conflito dos Medicis, na Florença do século XVI, como uma parábola do seu próprio presente (a revolução política de 1830, em França), é com assombro que o espectador actual assiste agora aos movimentos revolucionários do passado, descobrindo, catarticamente, também o seu próprio presente, imediato e actual, lá imerso. Este longo texto, ao arpejo dos preceitos da tragédia clássica da unidade de tempo, espaço e acção, tem por mira a acção política hodierna, mesmo pretendendo referir-se à (e é isso que é curioso e de certo modo angustiante) acção política do século XIX, em França. As crises ideológicas, a rasura dos ideais, a desconfiança generalizada na política, o próprio desinteresse dos jovens, o preocupante alheamento da vida



Lorenzaccio está em cena na Sala Principal do TMJB até domingo, sempre às 19h

pública: tudo lá está, então, como então, como agora: no século XVI, no século XIX, no século XX.

Também circular, como o tempo, que se faz tema nesta peça, é o próprio projecto implícito, consciente ou não, de Rogério Carvalho: inicia a sua prestação no Festival de Almada com *Hipólito*, texto clássico, e regressa, no final, com uma peça

cuja estrutura formal rompe com os modelos clássicos. Em ambos, no entanto, referências, preocupações, assombros, que podem ser vistos sob o prisma de hoje. É natural: é este o poder da arte, da cultura, do teatro. Permitir que o ser humano não deixe nunca, pelas mais insondáveis linhas, de se pensar a si mesmo. | **Pedro Barros**

50 anos da CTA: o Teatro Azul

Amanhã decorre o último Encontro dedicado aos 50 anos da Companhia de Teatro de Almada. Às 15h, no Seminário de S. Paulo, vamos conversar sobre o trabalho desenvolvido pela CTA no Teatro Azul – ou seja, a partir de 2006, onde apresentou até hoje 16 programações. Carlos Vargas, antigo presidente do conselho de administração do OPART, estará à conversa com Domingos Rasteiro (director municipal durante a fase de construção do TMJB) e com o professor Américo Jones, um dos vários divulgadores da actividade



da CTA junto da comunidade escolar. A entrada para o Seminário de São Paulo faz-se pela Rua Abranches da Câmara, nº 1. (Na foto, a

CTA em Abril de 2019, no Palácio de Belém, quando lhe foi atribuída pelo Presidente da República a Ordem do Mérito).

Acesso ao Restaurante

Segundo as normas emitidas pelo Conselho de Ministros de 8 de Julho, “nos municípios de risco elevado e muito elevado, às sextas-feiras a partir das 19h00, ao fim-de-semana e aos feriados, o funcionamento de serviço de refeições no interior dos restaurantes apenas é permitido a clientes portadores de Certificado Digital COVID da União Europeia ou teste negativo”. Nestes períodos, pedimos aos espectadores que aguardem à entrada do Restaurante do TMJB para serem por nós encaminhados para o seu lugar.

El canto de la libertad

Ontem, durante o penúltimo colóquio na Esplanada desta 38.ª edição do Festival, esteve presente o autor e intérprete do espectáculo *Miguel de Molina al Desnudo*, em cartaz até domingo no Cine-Teatro Academia Almadense. Em conversa com o crítico de teatro Rui Monteiro, Ángel justificou a escolha de interpretar o mítico artista flamenco à luz dos palcos. Para Ruiz, Molina é a personificação de todos os personagens que sofreram com a perseguição franquista em Espanha, um símbolo de liberdade e integridade que entretanto não deve ser apagado. *La Copla Andaluza* é um género musical nascido nas periferias de Málaga, entoado por vozes ciganas e difundido através do mundo ocidental como um dos símbolos da cultura espanhola. O

género foi, segundo as palavras de Ángel, "sequestrado" pelo regime ditatorial de Franco, que se apropriou da singularidade popular e regional do estilo e o transformou numa insígnia de uma cultura a ser vendida. Todavia, Miguel de Molina, um dos expoentes máximos do género, era uma *persona* incómoda para o regime, por ratificar ideais que eram opostos aos da propaganda franquista. O *cantante* jamais escondeu a sua homossexualidade, e apesar de nunca se ter de facto afirmado republicano, foi engavetado neste invólucro – uma vez que lutava pelo "direito à liberdade de se viver". Ángel Ruiz revelou também que o processo de criação do espectáculo foi feito de forma meticulosa, a fim de contemplar as múltiplas facetas que envolviam a personalidade artística



© Luana Santos

de Molina. O autor queria plasmar a sua capacidade artística e desenvolveu uma narrativa onde as suas canções aportassem as acções do espectáculo, que teve como mote o seu desejo de rememorar (em tempos conturbados que assistem ao ressurgimento da extrema-direita), a figura de um artista que foi perseguido e executado pelo seu próprio Estado. Exilado da sua terra pelo maior crime de todos, o de ser e amar em liberdade. | **Maria Eduarda V. Wendhausen.**

50 ANOS DE PLATEIA

Querer ver tudo



© Luana Santos

Fernando Felicio
4 anos de plateia

Sou um amigo recente da Companhia: vim morar para Almada em 2017 e uma das coisas que mais gostei foi a oferta cultural e claro, a CTA. Localiza-

do no centro de Almada, o Teatro conta com um edifício marcante, de um azul profundo que contrasta com o espaço circundante. Esta Companhia é dotada de uma equipa de pessoas competentes, simpáticas e prestáveis com a qual foi fácil estabelecer uma relação de familiaridade, com que me identifico. Sou um amante de muitas artes e a CTA oferece uma seleção de espetáculos muito diversificada e de grande qualidade; com teatro e concertos, peças infantis e dança durante grande parte do ano, o que me leva a querer ver tudo. Nesta data especial, gostaria de felicitar toda a Companhia e os seus colaboradores por conseguirem elevar a cultura mesmo em tempos tão críticos como os que estamos a vivenciar e não desistirem de acreditar neste projeto. Como amigo do teatro, espero que a Companhia continue por muitos e longos anos; produtiva, inovadora, criativa e a dar muitas e boas horas de espectáculo a todos os almadenses!

No domingo vota-se

No último dia do Festival será eleito o Espectáculo de Honra do próximo ano. De entre os espectáculos apresentados este ano, estarão a votação aqueles que poderão vir a Almada em 2022. A votação decorre no domingo à entrada para os espectáculos nos vários espaços. No boletim de voto constarão os seguintes espectáculos: *Hipólito*, *Amitié*, *History of violence*, *Aurora Negra*, *Duas personagens*, *Who killed my father*, *Cenas da vida conjugal*, *Omnia*, *Corpo suspenso*, *Pastéis de nata para Bach*, *Um gajo nunca mais é mesma coisa*, *A lua vem da Ásia*, *Fake*, *Discurso sobre o filho-da-puta*, *Molly Bloom*, *Miguel de Molina al desnudo* e *Viagem a Portugal*. Por favor, traga a sua caneta.

AGENDA DE AMANHÃ

- 15:00 e 20:30
Viagem a Portugal
Fórum Romeu Correia
- 15:00
1971-2021: 50 anos da CTA
Casa da Cerca
- 15:00
Inauguração da exposição de Thomas Langley
Casa da Cerca
- 18:00
Um gajo nunca mais é a mesma coisa
Sala Experimental do TMJB
- 19:00
Lorenzaccio
Sala Principal do TMJB
- 20:30
Miguel de Molina al desnudo
Academia Almadense
- 20:30
Molly Bloom
Incrível Almadense

RESTAURANTE DO TEATRO

HOJE
Fusili com salsicha picante
Salada de feijão frade

AMANHÃ
Frango à Moda Marroquina
Maionese de pescada

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz • Almada

